

120..
A. A. MENDES CORRÊA

O Retrato de Nun'Álvares

SEPARATA DO N.º 7 DA «REVISTA DOS LICEUS»

TIPOGRAFIA DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO — 1916

RC
NCT
92
OR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

2003

Est. 7 Tab. 3 N.º 41

O RETRATO DE NUN'ÁLVARES

A. A. MENDES CORRÊA

O Retrato de Nun'Álvares

SEPARATA DO N.º 7 DA «REVISTA DOS LICEUS»



RC
MNCT

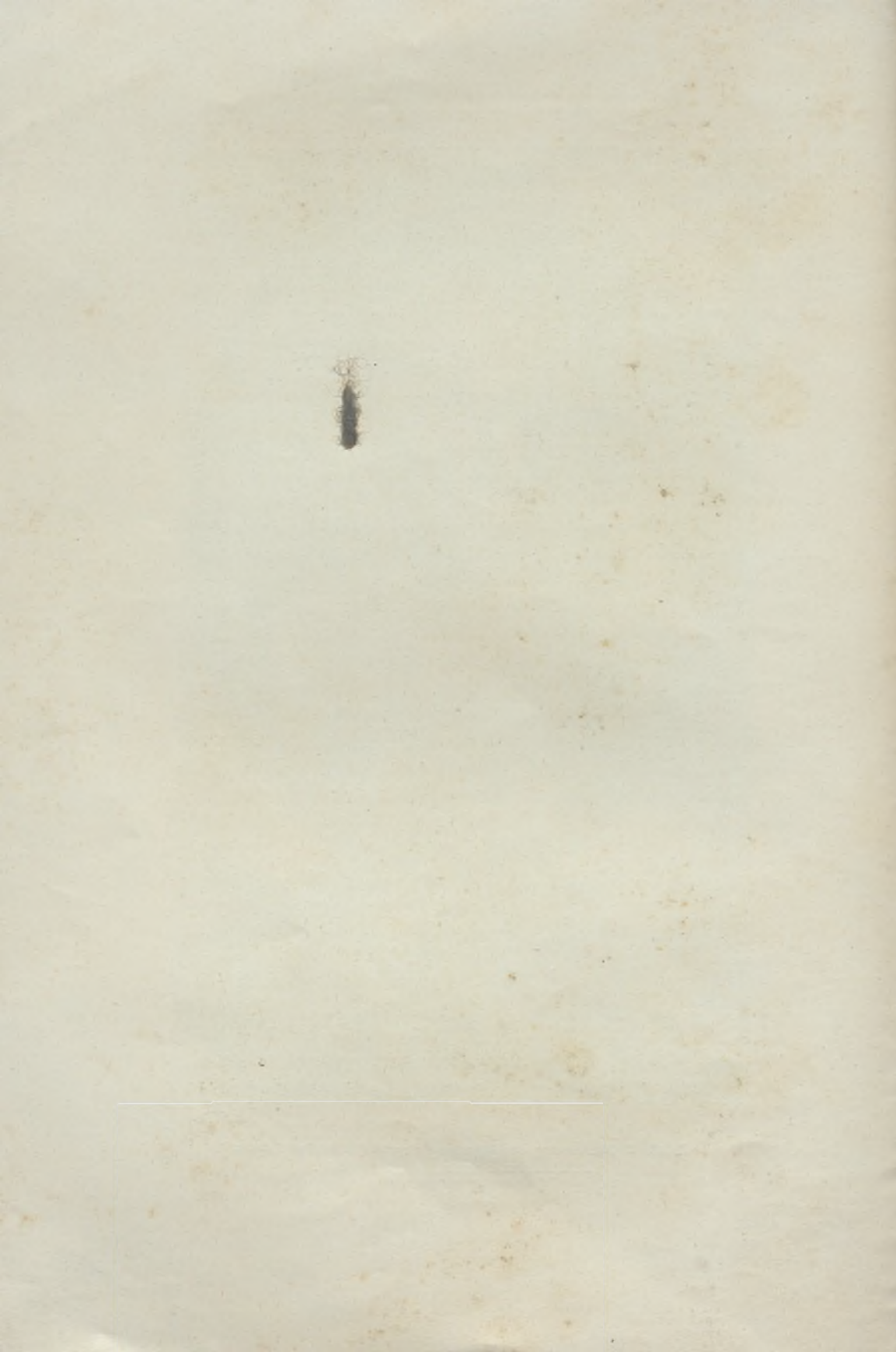
92

COR

TIPOGRAFIA DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO — 1916



Retrato de Nun'Álvares, dos *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugêsa* (1817).



O RETRATO DE NUN'ÁLVARES

O perfil heróico e místico de Nun'Álvares tem sido traçado pela imaginação de muitos como a mais alta definição do génio português. Ao forte guerreiro de Aljubarrota, ao iluminado de Valverde, ao frei santo do Convento do Carmo, ergueram nos seus corações um altar os patriotas de sempre. Mas adoração não implica em fatal consequência a cegueira da realidade. E, como antropólogo, pensei em verificar, dentro do possível, se Nun'Álvares, o intérprete supremo das melhores aspirações portuguesas, reunia no seu tipo físico as características médias do povo em cuja epopeia deixaram imperecíveis páginas a sua espada e a sua fé.

O elemento dólico-baixo de Mugem revive ainda hoje em Portugal no moreno dominante que Deniker etiquetou de *ibero-insular* e que muitos entroncam na estirpe *mediterrânea*. É de crer que, no instante decisivo de Aljubarrota, pelo mesmo padrão se aferisse o mais abundante estrato étnico da gente portuguesa. ¿Era dêsses Nun'Álvares, ou outra raça lhe dava os seus caracteres, como distintivos exteriores da sua alma de privilégio? Excluindo-se o primeiro caso, ¿tratar-se-ia do semita-fenício, do semita-árabe, do libi-fenício, do berbere (outras tantas modalidades do tronco mediterrâneo), do nórdico ou ânglo-escandinavo, do moreno braquicéfalo, ou de qualquer outro dos elementos antropológicos semeados na população de Portugal?

A admitir-se nas sociedades a diferenciação antropológica como paralela à diferenciação de *élites*, ¿teria Nun'Álvares o mágico segrêdo do seu heroísmo e das suas virtudes

numa herança de raça? ¿Agiria nele uma ancestralidade árabe, generosa, inteligente, solidária, mística (1)? ¿Ou o génio berbere, cuja influência na civilização peninsular Oliveira Martins tam bem descreveu (2)? ¿Ou o valor esforçado e cavalleiresco, a altivez senhorial do fidalgo gótico, representado na aristocracia leonesa? ¿Ou a coragem fria e tenaz, envolta nas brumas de lenda e devoção, dos navegadores do norte?

De tôdas as hipóteses, as duas últimas seriam bem de acôrdo com a doutrina *arianista* de Gobineau, Lapouge e Ammon. Na sua ousada concepção do imperialismo *ariano*, o conde de Gobineau não se fixa categoricamente na caracterização somática do ária, cujo panegírico traça. Talvez por ter êle mesmo cabelos pouco loiros e olhos bastante castanhos, supondo-se *ariano* puro (3). Mas muitos dos seus heróis da *raça* são loiros e de olhos azuis, como Aquiles, e, para êle, Teseu, «percorrendo de espada em punho o orbe, parece um verdadeiro escandinavo, um primo dos Vikings (4).» As heroínas das epopeias hindus, pinta-as de cabelos loiros, olhos claros e braços alvos (5).

Mas Ammon e Lapouge, organizando a torto e a direito estatísticas antropológicas, decididamente atribuem ao ária o tipo germânico, dolicocefalo, alto, loiro, de olhos azuis (6). Fazem-no o autor da civilização helénica, explicam pela sua

(1) Cf. Os caracteres psicológicos do árabe em Ch. Letourneau — *La Psychologie ethnique*, Paris, pag. 313.

(2) Oliveira Martins — *Historia da Civilização iberica*, 5.^a edição, Lisboa, 1909.

(3) Ernest Seillière — *La Philosophie de l'impérialisme* — I — *Le Comte de Gobineau et l'aryanisme historique*. Paris, 1903 — pag. 46.

(4) Seillière — Liv. cit. — pag. 66.

(5) Liv. e autor cit. — pag. 68.

(6) O. Ammon, *Antropolog. Untersuchungen der Wehrpflichtigen in Baden*, Hamburgo, Richter, 1890; Lapouge, *Crânes modernes de Montpellier*, in «*L'Anthrop.*» 1890, p. 36-42, e *Crânes de gentilshommes et crânes de paysans*, in «*L'Anthrop.*» 1893, pag. 317, 322. (Citações do prefácio da tradução francesa do livro de O. Ammon — *L'ordre social et ses bases naturelles*, Paris, Fontemoing, 1900, pags. XVI e XVII.) Tratam também o assunto: Lapouge — *Les sélections sociales*, Paris, Fontemoing, 1898; id. — *L'aryen*, Paris, Fontemoing, 1899; id. — *Race et milieu social*, Paris, Rivière, 1909. Mas é útil ler-se a violenta réplica de Houzé, *L'aryen et l'anthroposociologie*, Bruxelles e Leipzig, Misch et Thron, 1906, que só tem o defeito de confundir o arianismo e a antropro-sociologia.

falta a queda de Roma, designam-lhe a missão mais benéfica nas sociedades modernas.

O sr. Silvio Romero, abrangendo na designação de germanos ou teutões os escandinavos, os holandeses, os alemães, os flamengos, os anglos-saxões, os genuínos suíços e os anglo-americanos, escreve: «De todos os ramos das gentes arianas, os germanos são os únicos que aliaram num todo harmónico a tríplice capacidade que andava dividida pelos outros grandes garfos: a faculdade jurídica, política e prática — ao génio filosófico, científico e artístico e ainda mais ao senso mítico, religioso e poético (1).»

Não tratarei agora de provar quanto a doutrina *arianista* é exclusivista, sectária e de precário rigor científico. O *Homo europaeus* pôde talvez ser considerado o representante mais característico da civilização moderna, como outros tipos humanos teem sido os representantes de extinctas civilizações e outros virão a representar futuras civilizações. E não me nego também a aceitar em parte a explicação da formação de classes e escóis pela existência, numa mesma sociedade, de raças diferentes (2), de elementos eugénicos e não eugénicos, de puros e de mestiços. Mas de forma alguma me deixo arrebatado por soluções simplistas e unilaterais de uma grosseira psicologia étnica e duma antro-po-sociologia deturpada ao sabor de preconceitos de escola.

Embora até na África (Egito, Saará Meridional, Berberia, etc.) se tenham encontrado nórdicos, mesmo numa alta antiguidade, reivindique-se para o *Homo e. mediterraneus* um papel primacial e fecundo em brilhantes épocas históricas, e a posse de inegáveis faculdades psíquicas, que lhe concedem uma importante função social. O *H. europaeus* não tem o monopólio das virtudes e dos dotes. Nem a raça é o factor único e permanente do determinismo que preside à evolução e organização das sociedades (3).

Se, aplicado às massas, às classes e aos povos em conjunto, o critério de raça é perigoso, quando exclusivo, mais

(1) Silvio Romero—*A pátria portuguesa*, Lisboa, 1906—pag. 431.

(2) Niebuhr demonstrou a influência de raças antagonistas nas dissenções entre patrícios e a plebe em Roma.

(3) Mendes Corrêa—*A crise da antroposociologia*—Na «Águia» —Abril, maio e junho de 1906—Porto.

perigoso parece, quando, apenas com êle, se pretende explicar a personalidade moral dum individuo.

Mas a antropologia não se limita a definir raças, marca também estigmas, estabelece tipos individuais, traça anormalidades, especifica sinais de superioridade física, de vitalidade, de robustez. E no conjunto de elementos colhidos sintetiza-se, sem idealizações nem fantasias, a somatologia de casta, de classe. O pobre e o rico não são fisicamente iguais, a não ser quando a pobreza é um acidente ou a riqueza um episódio. O aldeão e o cidadão diferem. O plebeu e o nobre não se confundem. As multidões e as *élites* são anatómica e fisiologicamente diversas.

Se dermos à palavra raça o significado de tipo físico de casta, teremos o direito de proclamar a necessidade dos chamados preconceitos de raça no seio dum mesmo agregado étnico. São factores de aperfeiçoamento e selecção social.

Nun'Álvares já foi acusado duma herança pesada de taras patológicas, que deixariam nesse caso até certo ponto prejudicada a doutrina exposta. Mas o sr. Rui Chianca saiu em defesa da estirpe do herói-santo (1) com ampla documentação.

O sr. Júlio Dantas num seu artigo pretendeu mostrar o herói lusitano como «a figura brusca, violenta, derrancada, cruel, combativa e grosseira do maior *condottieri* e do louco mais brilhante que Portugal tem visto à frente dos seus exercitos» (2). Alguns caracteres físicos que lhe atribuem certas descrições, «o nariz afilado e agudento», «as sobrancelhas arcadadas e ruivas», «a pouca barba», apontou-os como estigmas morfológicos de degenerescência.

Não me abalançaria à sua tentativa de diagnóstico retrospectivo duma epilepsia no grande Condestabre. Acho arriscadas essas tentativas em que geralmente se recolhe apenas uma sintomatologia obscura, duvidosa e fragmentária. Parece que com elementos do valor dos *estigmas* indicados seria fácil enquadrar a humanidade inteira no domínio da anormalidade e da doença.

(1) Ruy Chianca—*O Santo Condestabre*, Lisboa, 1914.

(2) Julio Dantas—*Libello do Cardeal Diabo*—In «Ilustração Portuguesa», abril de 1906.

Rebuscando em textos de biógrafos e em trechos de D. Duarte dados mais ou menos discutíveis para estabelecer a epilepsia de Nun'Álvares, aquele dramaturgo atribui o heroísmo do Condestável sómente a «um impulso mórbido, caracterizado, implacável, brutal, independente da sua própria vontade e produzido por um determinismo inflexível.» «O que tornou heróico o *Santo Condestavel* — escreve — não foi a excelência das suas virtudes: foi o acaso da sua doença.»

O sr. Dantas parece não admitir a castidade, os votos de humildade, a fé, a bravura, senão como sintomas mórbidos. Doenças mais ou menos passageiras, episódicas, que os cronistas atribuem a Nun'Álvares, surgem ao seu olhar clínico como crises epilépticas averiguadas.

Ora, a meu ver a sua magnanimidade até com os inimigos, o seu heroísmo misturado de reflexão, o seu acrisolado patriotismo, a sua grandeza de carácter, são mais virtudes e atributos duma alma sã, do que os ímpetos dum desequilibrado brutal.

Em Aljubarrota Nun'Álvares não venceu num impulso, mas pela previsão sábia e ponderada das condições em que se desenvolvia a batalha. Não foi só um herói, foi também um estratégico.

A fé, que o fortaleceu nos seus votos, considerava-se a suprema perfeição no seu tempo. A sua paixão pelos livros de cavalaria, a sua admiração pela história de Galaaz cabem também no espírito da época.

Mas, se acaso se confirmasse rigorosamente o diagnóstico de epilepsia, caber-nos-ia então abençoar a nevrose a que a Pátria portuguesa devia a liberdade.

*
*
*

Para definir o aspecto físico de Nun'Álvares é abundante a iconografia, mas rareia a documentação com garantia de fidelidade e autenticidade.

A anónima *Chronica do Condestabre* que, segundo autorizada opinião (1), foi provavelmente escrita por um contem-

(1) A do sr. prof. Mendes dos Remédios no prefácio à edição da mesma *Chronica*, de Coimbra, 1911.

porâneo do grande português, sendo a mais antiga das suas biografias ⁽¹⁾, deu-nos na edição de 1526 dois retratos de Nun'Álvares, que são reproduzidos por Oliveira Martins na sua admirável obra sôbre a épica personagem. Um desses retratos figura-o ainda novo, de corpo inteiro, de pé, descoberto, vestido de soldado e sustentando uma espada. No outro aparece-nos o Fr. Nuno de Santa Maria nas suas vestes monásticas, de barba pendendo sôbre o peito, e já com um aspecto de velho.

Assim como ao texto da *Chronica do Condestabre* se liga em geral grande confiança, também julgo que esses dois retratos no-la merecem, tanto mais que muitas particularidades, que accusam na figura de Nun'Álvares, são confirmadas pelas descrições. O mesmo juízo forma a tal respeito o sr. dr. José de Figueiredo, segundo depreendi duma conversa que há pouco tivemos sôbre o assunto.

Diz-nos Fr. José Pereira de Sant'Ana na *Chronica dos Carmelitas* ⁽²⁾ que, logo depois da morte do Santo Condestável, se lavraram «imagens não só de buril estampadas em papel; mas também de vulto, que collocadas nos Altares de algumas Igrejas deste Reyno, tiverão veneração publica.» E acrescenta que «a mais plausivel pelo sequito dos seus devotos e pela continuação das maravilhas, foy huma que houve na Igreja de Nossa Senhora do Olival, da Villa da Certãa. Era de estatura natural, e feita de cera, com o primor que sofria a materia». Atribuia o povo da região propriedades curativas maravilhosas a essa imagem. Os febricitantes, que dela arrancassem um pedaço de cera, chegavam a casa sem febre—diz o cronista. Um prior ímpio mandou fundir a imagem para aproveitar a cera, que a fé dos devotos ia consumindo. Fr. José de Sant'Ana assevera que o sacrilego padre sofreu pelo seu acto grandes castigos do céu.

O mesmo carmelita refere-se a uma estátua de Nun'Álvares, erecta na face fronteira ao corpo da igreja do Carmo. O Condestável estava de pé, vestido de militar, com ar de pouca

(1) Fernão Lopes nas *Chronicas de D. João I*, Fr. Simão Coelho na sua obra raríssima de 1572, etc. já a tiveram diante de si — diz o sr. Mendes dos Remédios.

(2) *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios* — Lisboa, 1745.

idade. A estátua media sete palmos de alto. Outra estátua existia sobre o seu túmulo, na mesma igreja; foi mandada da Flandres pela duquesa de Borgonha, era de alabastro e representava Nun'Álvares em trages claustrais. Uma reprodução do túmulo existe no Museu Arqueológico do Carmo. O túmulo antigo não sobreviveu ao terramoto de 1755.

Dos retratos do Condestável merecem a Sant'Ana especial menção um mandado tirar por D. Afonso, genro do herói, e outro do capítulo dos Bispos do mesmo Convento.

O primeiro, que o crónista diz parecer-se com o original, representava Nun'Álvares já religioso e em meio corpo, e foi dado a Fr. João Manuel, filho de D. Duarte, passando depois para a posse do Convento, e ficando entre os painéis dos Santos da Ordem. O segundo, reputado excelente, era um grande painel. Outros existiam no convento, mas sem o valor daqueles. Francisco Rodrigues Lobo, António Rodrigues da Costa e outros tiraram dêsses retratos estampas para livros. No estrangeiro se fizeram também muitas estampas, algumas com diadema e resplendores de santidade.

Pedro José de Figueiredo nos *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza* (1817) publica o retrato de Nun'Álvares « em que se via como militar junto do antigo tumulo » e de que António Rodrigues da Costa em 1723 dera uma reprodução ⁽¹⁾.

Na edição de 1610 do poema de F. Rodrigues Lobo, *O Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira*, vi efectivamente um dos retratos, a que se refere Fr. J. de Sant'Ana. Representa Nun'Álvares em donato carmelita, bastante calvo, de crânio alto, fronte ampla, nariz saliente, comprido e talvez côncavo, barba abundante, lábios delgados, fendas palpebrais baixas. Assemelha-se muito ao retrato de velho da *Chron. do Condestabre*.

Na própria *Chron. dos Carmelitas* há duas estampas de Débrie (1745), em que se reconhece o Condestável. Na que abre a parte 3.^a do 1.^o volume (pag. 283), está vestido de mi-

(1) Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal*, Lisboa, vol. II. A pag. 192 publica P. Chagas o retrato de Nun'Álvares, como militar. Não é calvo, tem fronte ampla, nariz convexo e saliente, barba abundante, olhos rasgados, sobranceiras pouco arqueadas, rosto em ponta para baixo. Alguns dêstes caracteres concordam com os dos retratos da *Chron. do Condestabre*.

litar, com alguns soldados e frades, à porta do Convento, apontando com a mão direita para êste, talvez em gesto de pedir para entrar. Noutra, que inicia a parte 4.^a do mesmo volume, (pag. 570) julgo que está também o Condestável, já com hábitos de religioso e talvez com a barba mais farta.

No seu *Libello do Cardeal Diabo* o sr. Júlio Dantas reproduz vários documentos iconográficos relativos a Nun'Álvares, como os dois retratos da *Chron. do Condestabre*, estátuas e uma pintura do sr. Luciano Freire, existente no Museu de Artilharia.

Não parece haver semelhanças físicas entre êste último retrato e os da *Chron. do Condestabre*. ¿Será uma obra de pura imaginação do artista, ou enganar-nos há a fotogravura? Só perante a pintura original, se poderia fazer um juízo definitivo sôbre o assunto.

Para o meu sumário estudo do tipo antropológico de Nun'Álvares, reporteime sobretudo aos retratos daquela crónica, reproduzidos por Oliveira Martins. Mas não deixarei de entrar em linha de conta com os termos em que os textos dalguns autores nos pintam o herói.

Dum contemporâneo copiou Fr. Jerónimo da Encarnação a seguinte descrição, publicada depois na *Chron. dos Carmelitas*:

«Foy o virtuoso Condestavel de meam estatura, teve o rosto comprido, côr branca, o nariz afilado e agudento, os olhos pequenos mas muy viventos, as sobancelhas arcadas e ruivas, e assim era o seu cabello não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguizas na testa, e nos cabos dos lagrimaes, a boca pequena com o seu sembrante muy amezurado.» Conformam-se alguns dêstes pormenores com os dos retratos da *Chron. do Condestabre*. Nas estampas de Débrie aparece de longa barba, com bastante cabelo na cabeça (nos retratos da *Chron.* referida é calvo), rosto triangular em ponta para baixo, de frente vertical, nariz afilado, dando porêem a impressão duma estatura superior à média.

Jorge Cardoso no *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres* (1) diz que «foi o Condestabre enuolto em carnes, de mediana estatura, & aspecto varonil, o rosto com-

(1) Lisboa, ano 1666. Tomo 3.º, pag. 217.



Retrato de Nun'Álvares, da edição de 1526 da *Chron. do Condestabre*,
reproduzido por Oliv. Martins.



Outro retrato da *Chron. do Condestabre* (1526), também reproduzido por Oliv. Martins.

prido, & fermoso, aluo, & louro, olhos pequenos, mas mui vivos, pouca barba, & saída.»

O biógrafo Fr. Domingos Teixeira (1) nada esclarece sôbre a figura de Nun'Álvares.

Oliveira Martins, decerto sôbre os retratos da *Chron. do Condestabre* e descrição da *Chron. dos Carmelitas*, escreve (2): «Era então Nun'Álvares um rapaz de vinte e quatro annos, mediano de estatura e delgado de fórmãs. Branco, de rôsto comprido, nariz longo e afilado, tinha expressa na physionomia, como faculdade dominante, a decisão. A bocca era pequena, o mento breve, o labio superior curto. Debaixo dos sobrecilios, fortemente arqueados, luziam fundos os olhos, pequenos. Os cabellos e a barba, ruivos. Via-se-lhe no rosto um mixto de energia grave e de bondade candida, com uma vaga expressão poetica de ambições innominadas que se revelavam nas rugas precoces da testa e no apanhado da pelle sobre as fontes.»

O sr. prof. Mendes dos Remédios descreve-o aos 13 annos simpático, de rosto comprido, cabelos loiros e olhar vivo.

Insistindo nos caracteres apontados por Oliveira Martins, o sr. Rui Chiança contesta perante os retratos da *Chron. do Condestabre* que o herói português tivesse a barba rara (3).

Analisemos os principais caracteres, à face de todos os documentos.

*

* *

«Alvo» ou «branco» no-lo dão unânimemente Fr. Jerónimo da Encarnação, Jorge Cardoso, e, decerto sôbre êsses depoimentos, os escritores nossos contemporâneos. Mas para a côr dos cabelos não há uma tal unanimidade. De cabelos ruivos e barba e sobranceiras da mesma côr o descreve o seu coevo, transcrito por fr. Jerónimo, e aí se fundou Oliveira Martins. Mas Jorge Cardoso declara-o loiro e o mes-

(1) *Vida de D. Nuno Alvares Pereyra*, Lisboa Occidental, 1722.

(2) *A vida de Nun'Álvares*, 2.^a edição, Lisboa 1902, pag. 140.

(3) Rui Chiança — Liv. cit. — Pag. 78.

mo diz o sr. prof. Mendes dos Remédios. A questão não é das que inutilizam tôda a tentativa para enquadrar Nun'Álvares num tipo antropológico. Seria preciso demonstrar-se que nas duas linhas ancestrais de Nun'Álvares não havia loiros ou ruivos, para se concluir que se tratava dum caso patológico de *eritrismo*. Mas os loiros são tam freqüentes em famílias portuguesas, que não ponho dúvida em supor que no ruivo Nun'Álvares se trata apenas duma modificação do tipo loiro, pois, contra as suspeitas de Topinard, não é provável a hipótese duma raça distinta, ruiva (¹). De tudo o que se sabe, porém, sôbre a pigmentação do rosto e dos cabelos, é lícito depreender que Nun'Álvares era um indivíduo claro e não moreno. Sôbre a abundância de barba e cabelos já atrás se registaram alguns dados.

Da côr dos olhos nada de seguro podemos dizer em face dos retratos que temos presentes, e as descrições são omis-
sas. Dão-nos Nun'Álvares de olhos pequenos e vivos, nada mais. Mas pode-se arriscar o parecer de que os olhos eram claros, em harmonia com a côr da pele e dos cabelos.

Sobretudo o retrato de Fr. Nuno de Santa Maria na *Chron. do Condestabre* faz crer que o seu crânio era alongado ou dolicocefalo, de frente vertical e ampla, leve depressão do bregma e uma certa proeminência do occiput.

Pelas descrições e pelos retratos, o nariz mostra-se saliente e mais ou menos afilado. Concordes na leptorrhinia, os documentos iconográficos da *Chron. do Condestabre* dão, porém, impressões diversas sôbre o perfil do dorso do nariz. No retrato em que Nun'Álvares aparece como militar, o perfil parece rectilíneo ou mesmo convexo. No do convento é nítido o perfil côncavo.

Leptoprosopo e em ponta, boca pouco rasgada e os malleares fugidios, o rosto no retrato de militar dá uma certa impressão de semita.

Notaremos que os diâmetros bigoniaco e bimalar parecem inferiores ao diâmetro frontal mínimo. A região frontal é relativamente desenvolvida. Trata-se talvez dum crânio do *tipo cerebral*, a aceitarmos a classificação dos crânios nos tipos

(¹) Paul Topinard — *Éléments d'Anthropologie Générale* — Paris, 1885 — Pag. 340.

cerebral, respiratório, muscular e digestivo, feita pelo dr. Sigaud e seus discípulos Chaillou, Mac-Auliffe e Tricolet. (1)

A estatura, segundo as descrições antigas, era mediana. A unanimidade dessas descrições conduz a considerar illusória a impressão diversa sentida perante as estampas de Débrie. Quando aos 13 anos foi armado cavaleiro pela rainha Leonor Teles, era tam pequeno que difficilmente se arranjou arnês que lhe servisse. E Oliveira Martins acrescenta que «ficou sempre pequeno de estatura.» (2)

Jorge Cardoso dá-o «envolto em carnes» mas nos retratos da *Chron. do Condestabre* parece magro.

Das proporções do tronco e membros nada diremos; seria reclamar demais daqueles anónimos desenhos que nos legaram a figura de Nun'Álvares Pereira.

O que se registou basta para demonstrar que não estamos perante um tipo médio português, e ainda menos em face dum puro exemplar da raça ibero-insular, baixa e morena, que constitui o fundo da nossa população. Sem ser moreno, Nun'Álvares era, porém, de estatura mediana, o que não permite etiquetá-lo decididamente um indivíduo típico da raça nórdica, dolicocefala como a ibero-insular, mas alta e loira. Possivelmente o ibero-insular meão moderou na sua ascendência a alta estatura do dólico-loiro. E Nun'Álvares associa dêste modo caracteres de dois elementos antropológicos, o *Homo europaeus* e o *Homo e. mediterraneus*, com predominio do primeiro, sobretudo no que respeita à pigmentação.

*

* *

Personificação magnifica dos heróis da cavalaria medieva, representante duma aristocracia feudal de que a habilidade jurídica e monárquica de João das Regras aproveitou a fôrça das armas na consolidação da nacionalidade, Nun'Álvares teria decerto nas suas veias sangue dos homens do

(1) A. Aurélio da Costa Ferreira—*Sobre alguns caracteres da norma anterior do esqueleto da cabeça.*—In. Arch. d'Anat. e Anthropol., Lisboa, 1914.

(2) Liv. cit.—Pag. 34.

norte, quem sabe se dos godos, que no refúgio das Astúrias haviam guardado da absorpção árabe-berbere a pureza da sua raça. Quási da côr dos da dólico-loira D. Felipa de Lencastre eram os seus cabelos—escreve o sr. Rui Chianca. Mas é possível que o autóctone de Mugem tivesse influência nos seus atributos físicos, e assim nele se casava a herança aristocrática e cavalheiresca com a galharda tradição lusa, fazendo-o herói e santo dêste povo, cujo génio de independência brilhou gloriosamente na sua espada.

Por outro lado é interessante registrar que estamos talvez em presença dum *tipo cerebral* e não dum *tipo muscular*; não foi, na verdade, a fôrça física que distinguiu tam brilhante guerreiro, mas uma grande fôrça moral, essa que fez, como escreveu Francisco Rodrigues Lobo (1),

Que quem tudo venceo na guerra armado,
Sem armas vença o céo por derradeiro.

Não é sôbre um caso individual, isolado, esporádico, que se deve assentar a demonstração da tese duma diferenciação antropológica das *élites*. Mas, de olhos postos na vida de Nun'Álvares, pode dizer-se que os homens de *élite* escrevem as melhores páginas da história. Não é desprezível a multidão obscura, de que êle foi o guia valoroso e intrépido. Mas o esforço de Nun'Álvares compendia tôdas as energias individuais acumuladas. Sem êle a arraia miuda, o povo, pouco ou nada teria feito; compreendendo esta verdade, por isso lhe obedeceram, por isso o adoraram.

Nas sociedades há legítimas distinções de raça, há indispensáveis hierarquias de castas. Um grande êrro é pretender-se o nivelamento dos valores sociais, a extinção das aristocracias e das classes. Mediócrs destinos esperariam as nações com a vitória dos declamadores, que comandam as turbas. O futuro não se prepara com tiradas de retórica e nada deve sobrepujar o valor real de heróis, génios, sábios e santos!

(1) Liv. cit.—Canto XX.





Vinheta de Debrie da *Chron. dos Carmelitas*, em que se representa Nun'Álvares.

(A gravura do poema de Rodrigues Lobo não pode ser reproduzida).





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329724942

